

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CONTRIBUTOS PEDAGÓGICOS DA GRAMÁTICA COGNITIVA

Augusto Soares da Silva
Universidade Católica – Faculdade de Filosofia de Braga
(Ex-bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian)

1. Introdução

Desenvolvida a partir dos anos 80 e institucionalizada em 1990, a Linguística Cognitiva constitui hoje um verdadeiro *paradigma*, em colaboração estreita com outras ciências cognitivas para a compreensão da linguagem e da mente. Este novo modelo linguístico, desenvolvido predominantemente por George Lakoff (1987) e Ronald Langacker (1987, 1991), tem como princípios gerais os seguintes:

(i) a linguagem é um domínio integrante da cognição humana e como tal está intimamente ligada a outros domínios cognitivos, donde a necessidade de uma investigação interdisciplinar;

(ii) a estrutura linguística depende da (e influencia a) conceptualização, e esta é condicionada pela experiência de nós próprios, pelo mundo exterior e pela nossa relação com esse mundo;

(iii) as unidades linguísticas estão sujeitas à categorização, são tipicamente polissémicas e são estruturadas com base em protótipos;

(iv) a gramática é motivada pela semântica;

(v) o significado de uma unidade linguística é uma estrutura conceptual convencionalmente associada a essa unidade, e deve ser caracterizado relativamente a determinadas estruturas de conhecimento (diferentemente denominadas como "modelos cognitivos idealizados", "domínios cognitivos", "modelos mentais" ou "espaços mentais")¹.

Inicialmente aplicado ao domínio lexical, através de modelos particulares de descrição semântica, tais como a teoria dos protótipos, ou a investigação da metáfora generalizada na linha de Lakoff & Johnson (1980), o modelo cognitivo veio depois a ser utilizado na descrição das construções gramaticais.

É neste contexto que se afirma a Gramática Cognitiva, a qual, em primeira instância e em sentido estrito, se identifica com o modelo elaborado pelo linguista norte-americano Ronald Langacker, numa obra em dois extensos volumes (1987, 1991), de fundamentação teórica e aplicação descritiva², mas conta já com um rico e variado conjunto de trabalhos de outros autores³. Ao mesmo tempo, ela afirma-se contra as teses da autonomia e da modularidade (módulos independentes) da linguagem em geral, e da gramática em particular, consubstanciadas no paradigma chomskyano (isto é, na Gramática Gerativa).

Neste breve estudo, procuraremos apresentar, muito simplificada-mente, os principais fundamentos da Gramática Cognitiva de Ronald Langacker (pouco conhecida entre nós) e, em seguida, apontaremos algumas implicações pedagógicas.

2. Gramática simbólica

A gramática de uma língua é inerentemente *simbólica*: todos os elementos e construções gramaticais, fonologicamente simbolizados, simbolizam um conteúdo conceptual. A *unidade simbólica* – o constructo básico da Gramática Cognitiva – é bipolar e consiste da relação simbólica entre uma unidade semântica e uma unidade fonológica (de qualquer grau de complexidade).

Gramática e léxico formam um "continuum" de unidades simbólicas, só arbitrariamente divisíveis em componentes separadas, e a semântica (que naturalmente absorve a pragmática)⁴ constitui a dimensão básica da gramática. A estrutura semântica é a expressão convencional da estrutura conceptual; a sintaxe e a morfologia são a simbolização convencional da estrutura semântica.

Como expressão máxima desta "alternativa simbólica", Langacker *reduz* a gramática a relações simbólicas entre estruturas semânticas e fonológicas.

3. Estruturação das unidades: esquemas e protótipos

A gramática não é um mecanismo gerativo nem construtivo, mas um "inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais". E este inventário está *estruturado* no sentido de que certas unidades representam instanciações ou *elaborações* de outras mais abstractas, ou são componentes de outras mais complexas; além disso, a combinação das unidades é regulada por determinados "esquemas de construção".

Além da relação de *esquematicidade*, uma outra, igualmente estruturante, é a de *prototipicidade*. Enquanto o *esquema* é uma caracterização abstracta compatível com todas as suas instâncias (podendo também servir de modelo para a criação de novas expressões), o *protótipo* é a representação mental da instância típica em relação à qual as outras, (mais ou menos) periféricas, são assimiladas como pertencentes à mesma categoria⁵. Categorização por esquema e categorização por protótipo são, em princípio, compatíveis e complementares: determinada unidade é categorizada como uma elaboração de um esquema e, em relação a categorias complexas, ela é também categorizada como prototípica ou periférica, ou como extensão desse protótipo⁶.

Por exemplo, o nome contável define-se, esquematicamente, como designando uma 'região delimitada num domínio' e o nome massivo, como uma 'região não-delimitada num domínio'. Para dar conta da pertença de um determinado elemento a uma ou a outra categoria, é necessária também a categorização através do protótipo. O protótipo do nome contável é uma 'coisa' concreta, tri-dimensional, e o protótipo do nome massivo é uma 'substância' divisível, internamente homogénea. Ora, o esquema de uma 'coisa' concreta pode, metaforicamente, projectar-se em entidades de outros domínios, tais como unidades de tempo (*minuto, dia*), produtos de actividade mental (*ideia*), etc.; e o esquema da 'substância' homogénea pode igualmente projectar-se em domínios mais abstractos, como, por exemplo, estados emotivos (*amor, ódio*).

Desta forma, a Gramática satisfaz mais um imperativo restritivo: as únicas unidades permitidas na gramática de uma língua são (i) estruturas semânticas, fonológicas e simbólicas, que ocorrem indissimuladamente como (partes de) expressões linguísticas, (ii) esquemas destas estruturas e (iii) relações de categorização (*elaborações* de um esquema e *extensões*, metafóricas e metonímicas fundamentalmente, de um protótipo), envolvendo as estruturas de (i) e (ii).

4. Imagens gramaticais

Tal como a expressão lexical, também a expressão gramatical tem a sua significação. O significado identifica-se com a *conceptualização*, no seu sentido mais geral (isto é, qualquer espécie de "experiência mental"). Mas o significado de uma qualquer expressão não se esgota no conteúdo conceptual que ela convencionalmente expressa; igualmente significativo é o modo como esse conteúdo é convencionalmente *construído*. Duas expressões podem evocar essencialmente o mesmo conteúdo conceptual e, não obstante, diferirem semanticamente, em virtude das diferentes *construções/interpretações* ("construals") que elas impõem a esse conteúdo. As diversas formas de conceptualmente construir uma mesma situação constituem o que Langacker designa por *imagens convencionais* ("imagery").

Assim, uma determinada entidade ou situação pode ser conceptualizada em diferentes níveis de especificidade. Por outro lado, ela pode ser concebida relativamente ao "background" (plano do fundo) de outras. Por exemplo, "copo meio-vazio" e "copo meio-cheio" têm as mesmas condições-de-verdade, mas diferem, pois são construídas por diferentes suposições e expectativas. Fenómenos como a pressuposição, a anáfora, a assimetria tópico/comentário envolvem esta segunda faceta.

Uma terceira dimensão das imagens é a *perspectiva*. Por exemplo, nas frases (i) "Vou ao Porto amanhã" e (ii) "Chego ao Porto amanhã", o locutor descreve o mesmo movimento previsto, ora a partir da sua posição estratégica, em (i), ora a partir da posição estratégica do alocutário, em (ii). Um outro aspecto da *perspectiva* é o facto de uma mesma entidade ou uma mesma situação poderem ser subjectiva ou objectivamente construídas. A construção é "maximamente subjectiva", quando essa entidade ou situação funciona unicamente como conceptualizador e, de modo nenhum, como objecto de conceptualização; ela é "maximamente objectiva" no caso contrário, isto é, quando é unicamente objecto de conceptualização, inteiramente distinto do conceptualizador. Por exemplo, a *construção* dos meus óculos é, por norma, maximamente subjectiva, dado que os uso para ver outros objectos e, nesta situação, eles são inteiramente despercebidos, apesar da sua importância na minha experiência perceptiva; mas quando eu pego neles, os ponho diante de mim e os examino, a sua *construção* passa a ser maximamente objectiva. A *objectividade* e a *subjectividade*, neste

grau superior ou num grau inferior, podem, pois, conduzir a construções diferentes de um mesmo elemento ou de uma mesma situação.

Uma quarta dimensão do "construal" é a relativa *proeminência* de uma entidade em relação a outra(s); quer como *saliência*, quer como *perfilção*, quer ainda em relação à organização cognitiva assimétrica *figura/base* (ou *figura/fundo*, na psicologia da *Gestalt*) dentro de uma determinada cena. Com efeito, cada expressão, relativamente ao(s) domínio(s) cognitivo(s) que requer para a sua caracterização (isto é, relativamente à sua *base*), distingue determinada sub-estrutura como uma espécie de foco de atenção; esta sub-estrutura é o seu *perfil*, ou seja, é o que a expressão designa. Por exemplo, *hipotenusa* remete para o conceito de um triângulo rectângulo e perfila o lado oposto ao ângulo recto. As frases (i) "O copo está meio-cheio" e (ii) "O copo está meio-vazio" têm por *base* toda a informação relativa à existência de um continente (copo) e de um conteúdo (o que ele contém), bem como o conhecimento específico do conceito 'copo' (um objecto que prototipicamente contém uma espécie de líquido para beber), e apresentam, como aspecto que participa directamente na relação expressa, isto é, como *zona activa*, o líquido. Mas estas mesmas frases perfilam coisas diferentes: (i) perfila a parte inferior do copo (o seu conteúdo) e (ii) perfila a parte superior do mesmo (o restante da sua capacidade).

Um outro tipo de proeminência diz respeito aos participantes de qualquer *relação* perfilada (expressa por um verbo, adjectivo, preposição, advérbio ou frase). Um deles é construído como "figura", isto é, como participante ao qual se atribui especial proeminência como entidade à volta da qual a cena é organizada – Langacker dá-lhe o nome de *trajector* ("trajector") –; o segundo participante saliente é a "base", ou, na terminologia de Langacker, o *marco* ("landmark")⁷. Por exemplo, não obstante *em cima* e *em baixo* representarem o mesmo domínio conceptual e perfilarem a mesma relação espacial, o seu contraste deve-se ao alinhamento *trajector/marco*: *X está em cima de Y* toma *Y* como *marco* para a localização do *trajector* (*X*), ao passo que *Y está em baixo de X* utiliza *X* como *marco* para a localização de *Y* (o *trajector*). O facto de frases como "??O burro está por baixo do rapaz" ou "??A casa está em frente do carro" serem pouco aceitáveis, em oposição a "O rapaz está em cima do burro" e "O carro está em frente da casa", permite depreender, além do mais, que o *marco* é normalmente conceptualizado como o elemento mais fixo e mais englobante da cena.

5. Classes e construções gramaticais

A Gramática Cognitiva não só postula como estabelece uma caracterização nocional das classes gramaticais. Para ela, as propriedades morfo-sintáticas de cada classe, pelas quais a linguística moderna se habituou a defini-la, são apenas *sintomáticas* do seu valor semântico.

As classes gramaticais são determinadas pela natureza do seu perfil e caracterizadas em termos esquemáticos e prototípicos. A expressão nominal (nome, pronome, sintagma nominal) perfila uma 'coisa', esquematicamente, 'uma região em qualquer domínio'; por seu lado, a expressão relacional (verbo, adjectivo, advérbio, preposição, particípio, infinitivo, oração, frase) perfila uma 'relação' atemporal ou temporal (isto é, um 'processo'), abstractamente, 'um conjunto de interconexões entre entidades'.

Nomes e verbos são as duas categorias fundamentais. Prototipicamente, os nomes designam objectos físicos discretos e os verbos, interações energéticas destes objectos. Uns e outros representam uma oposição conceptual máxima, inscrita num modelo cognitivo do mundo (a que Langacker dá o nome de "modelo bola-de-bilhar"), segundo o qual este é povoado por objectos físicos discretos, que se deslocam e interagem energeticamente quando se põem em contacto uns com os outros.

A *construção gramatical* consiste numa integração de dois ou mais elementos, efectuada essencialmente na base de correspondências conceptuais. Daí que a valencial gramatical deva ser entendida e analisada, não só em relação a configurações específicas de estruturas de constituintes, como é hábito, mas sobretudo segundo o princípio de afinidade conceptual que a orienta, isto é, através dessas correspondências (e em particular, do alinhamento *trajector/marco*, interno a qualquer predicação relacional)⁸.

As construções gramaticais particulares são governadas também por regras, próprias da gramática de uma língua, as quais na Gramática Cognitiva tomam a forma de *esquemas de construção*. Por exemplo, a gramática do português contém um esquema para as combinações nome+adjectivo (o qual diz que o *trajector* de um adjectivo corresponde ao perfil de um nome), um outro para a construção transitiva (que diz que o *trajector* e o *marco primário* do processo correspondem aos perfis de dois nominais).

A estrutura da oração é caracterizada por Langacker relativamente a determinados *modelos cognitivos idealizados*. Um é o "modelo bola-de-bilhar", pelo qual a oração é concebida como uma *cadeia de acção*, cujo objecto iniciador do fluxo de energia corresponde ao sujeito (o *trajector* de um processo perfilado a nível oracional) e cujo objecto final desse fluxo corresponde ao objecto directo (o *marco primário* do processo). O sujeito prototípico é pois a *fonte de energia* volitiva que inicia a cadeia de actividade, isto é, um agente (humano) responsável pela ocorrência do evento; o objecto directo prototípico é um paciente, um objecto inanimado que absorve a energia transmitida e que por isso mesmo sofre uma mudança interna de estado. Estes são os dois participantes "directos" ou centrais do processo perfilado por uma oração (sendo o sujeito o mais proeminente); qualquer outro é considerado "oblíquo", e é geralmente marcado (por preposições nas línguas sem sistema morfológico de caso).

Um outro modelo cognitivo é o "modelo do palco". Conceptualizamos um evento como um *cenário* estável e inclusivo, dentro do qual interagem, como actores, determinados *participantes*. Na codificação não-marcada do evento, a distinção cenário/participante reflecte-se na oposição entre determinadas expressões adverbiais, nomeadamente de lugar e de tempo, por um lado, e os complementos nominais do verbo, por outro. Mas estes diferentes estatutos (de "circunstantes" e "actantes", respectivamente, na terminologia da Gramática de Valências) não são inerentes e imutáveis, mas essencialmente uma questão de construção conceptual.

Outros modelos cognitivos têm a ver com a concepção das funções semânticas (os "casos") dos elementos da oração, tais como *agente*, *paciente*, etc. Langacker fala de "arquétipos funcionais" (*agente*, *paciente*, *experienciador*, *instrumento*, *movente*), em ordem a evidenciar o seu estatuto primário e a sua origem pré-linguística fundamentada na experiência.

Em suma, a estrutura gramatical é inerentemente simbólica e como tal todos os elementos e construções gramaticalmente válidas apresentam valores conceptuais e semânticos. Langacker (1991) aplica estes princípios a um amplo e diverso conjunto de fenómenos da gramática do inglês e de outras línguas. Entre outros, queremos aqui salientar os seus tratamentos (programáticos) dos auxiliares, do tempo e da modalidade, da nominalização, da passiva, da transitividade, das

relações gramaticais e dos casos semânticos, da ergatividade, da coordenação e subordinação, da complementação, da anáfora⁹.

6. Implicações pedagógicas

Para a tarefa pedagógica de promover e aumentar a consciência dos falantes em relação às estruturas da sua língua materna ou de uma língua estrangeira, julgamos que a Gramática Cognitiva traz novas e válidas orientações. Eis algumas:

1. A gramática pedagógica não deverá limitar-se a indicar regras formais e listas de elementos catalogados de acordo com determinadas propriedades morfo-sintáticas, que se têm, simplesmente, que aprender, mas deverá sobretudo fornecer uma adequada caracterização semântica das várias classes e construções, a partir da qual os aprendentes serão capazes de mais eficientemente as utilizar com correcção e até de depreender as suas propriedades formais.

2. O estudo das formas não pode pois ser dissociado do estudo dos significados por elas simbolizados.

3. As necessárias caracterizações semânticas devem ser, adequadamente, *esquemáticas* (revelando a unidade conceptual da respectiva categoria) e *prototípicas* (revelando as diferenças de saliência dos seus membros, a sua flexibilidade, a sua polivalência e polissemia).

4. A gramática pedagógica deverá evidenciar, através de paráfrases, por exemplo, as diversas alternativas convencionalizadas de *construir* um mesmo estado de coisas, bem como os diferentes valores conceptuais correspondentes.

5. As desejadas e necessárias "regras" para o uso correcto da língua devem ser *significativas*, isto é, devem informar sobre o conteúdo semântico (e conceptual) convencionalmente associado a uma estrutura formal.

6. Diferenças formais entre línguas são sintomas de diferenças de conceptualização. Aprender uma língua estrangeira significa, portanto, aprender não somente as formas, mas também as estruturas conceptuais associadas a essas formas, umas idênticas, e por isso cognitivamente "naturais", outras diferentes, cognitivamente "marcadas", em relação às correspondentes da língua materna.

7. Conclusão

Em jeito de síntese, a Gramática Cognitiva oferece assim uma alternativa séria e válida: em vez de uma gramática autónoma e dividida em módulos, uma gramática *simbólica, conceptual* e de *imagens*. Uma gramática *simbólica* por natureza, que se limita à estruturação e simbolização de conteúdos conceptuais. Uma gramática com base na semântica, e para a qual o significado se identifica com a conceptualização. Uma gramática de *imagens* (porventura o seu atributo mais inovador e mais estimulante): isto é, uma gramática das diversas maneiras convencionalizadas de construir conceptualmente um mesmo elemento ou um mesmo estado de coisas; uma gramática em que qualquer item lexical, qualquer elemento e qualquer construção gramaticais impõem uma determinada *construção* conceptual no conteúdo específico ou esquemático que simbolizam. Essas diversas maneiras são o grau de *especificidade-esquematicidade*, o "*background*", a *perspectiva* (em particular, a *posição estratégica* e a *objectividade/subjectividade*) e a *proeminência* (particularmente, a *perfilação* e o alinhamento *trajector/marco*, próprio de qualquer expressão relacional). E todas estas dimensões das *imagens* se fundamentam em aspectos universais da experiência humana e representam a manifestação linguística de capacidades cognitivas mais gerais (é de salientar o paralelismo entre estas dimensões e a percepção visual). Daí que elas possam apresentar-se como fortes candidatas ao estatuto de universais linguísticos¹⁰.

Uma gramática que pedagogicamente levará o aluno a compreender a motivação conceptual e semântica do seu sistema linguístico materno ou de um sistema linguístico estrangeiro (sem contudo dissimular o resíduo de arbitrariedade desse sistema).

Uma gramática que é compatível com o modelo "conexionista" da cognição¹¹, para a ainda distante meta da compreensão da conceptualização humana e da sua configuração na linguagem.

Mas uma gramática que não poderá descurar nem perder de vista a tradição gramatical, sobretudo europeia, também ela, ao seu jeito, conceptualista e semanticista, sob pena de aqui ou ali "descobrir a pólvora".

Notas

- ¹ Para uma visão de conjunto da Linguística Cognitiva, cf. Rudzka-Ostyn (1988) e Geiger & Rudzka-Ostyn (1993).
- ² Para uma versão mais reduzida e acessível, cf. Langacker (1990).
- ³ Para além de várias dissertações de doutoramento sobre uma grande variedade de complicados fenómenos gramaticais de línguas diferentes, orientadas por Langacker, destacamos, no quadro geral da Gramática Cognitiva, os trabalhos de Haiman (1985) sobre a iconicidade sintáctica, Bybee (1985) sobre a morfologia, os estudos de Talmy (1988), a Gramática da Construção de Fillmore (1988), a teoria sintáctica de Croft (1991) e a de Deane (1992). Compatíveis com o modelo de Langacker são, entre outros, os estudos de Wierzbicka (1988) sobre a semântica da gramática, ou a teoria "funcional" de Givón (1984).
- ⁴ Por várias vezes, Langacker afirma que Gramática Cognitiva é um modelo da estrutura linguística "baseado no uso". Cf. particularmente Langacker (1988b).
- ⁵ A noção de *protótipo* (com origem na psicolinguística), apesar de se reconhecer a sua manifestação em vários domínios linguísticos, tem-se mostrado um pouco complicada e suscitado alguma polémica. Para uma dilucidação (ao que julgamos, a mais correcta e adequada) do conceito (linguístico) de *protótipo*, cf. Geeraerts (1989). Ver também a comunicação que apresentamos neste mesmo Encontro, intitulada "Sobre a estrutura da variação lexical" (parágrafo 2.2).
- ⁶ Sobre esta complementaridade, cf. Taylor (1989).
- ⁷ À falta de melhor correspondente, traduzimos literalmente "landmark" por *marco*, embora isso ainda não nos satisfaça inteiramente.
- ⁸ A este propósito, cf. particularmente Langacker (1988a).
- ⁹ Para uma aplicação dos princípios da Gramática Cognitiva a um fenómeno bem complexo da gramática do Português, ver o nosso estudo sobre as construções causativas (Silva, 1994). Aí, procura-se explicar que as diferentes estruturas causativas expressas por *fazer*, *mandar* ou *deixar* seguidos de uma oração de infinitivo, em particular a variação da ordem das palavras (VV e VOV) e a variação do "caso" do sujeito do infinitivo (objecto directo, objecto indirecto e sujeito, pronominalizados nas formas acusativa, dativa e nominativa, respectivamente), reflectem "imagens" conceptuais diferentes de uma mesma "base" causativa.
- ¹⁰ Cf. Langacker (1993).
- ¹¹ Do qual o autor de "O Erro de Descartes", António Damásio, é um ilustre representante.

Referências

- BYBEE, Joan (1985) – *Morphology: a study of the relation between meaning and form*, Amsterdam, John Benjamins.
- CROFT, William (1991) – *Syntactic Categories and Grammatical Relations: the cognitive organization of information*, Chicago, The University of Chicago Press.

- DEANE, Paul D. (1992) – *Grammar in Mind and Brain. Explorations in Cognitive Syntax*, Berlin-New York, Mouton de Gruyter.
- FILLMORE, Charles J. (1988) – "The mechanisms of *Construction Grammar*", *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 35-55.
- GEERAERTS, Dirk (1989) – "Prospects and problems of prototype theory", *Linguistics* 27, pp. 587-612.
- GEIGER, Richard & RUDZKA-OSTYN, Brygida (eds.) (1993) – *Conceptualizations and Mental Processing in Language*, Berlin-New York, Mouton de Gruyter.
- GIVÓN, Talmy (1984) – *Syntax. A Functional-Typological Introduction*, Amsterdam, John Benjamins.
- HAIMAN, John (1985) – *Natural Syntax. Iconicity and Erosion*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LAKOFF, George (1987) – *Women, Fire, and Dangerous Things. What categories reveal about the mind*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark (1980) – *Metaphors we live by*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LANGACKER, Ronald W. (1987) – *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I, Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press.
- LANGACKER, Ronald W. (1988a) – "The nature of grammatical valence", in Rudzka-Ostyn (ed.), pp. 91-125.
- LANGACKER, Ronald W. (1988b) – "A usage based-model", in Rudzka-Ostyn (ed.), pp.127-161
- LANGACKER, Ronald W. (1990) – *Concept, Image, and Symbol. The cognitive basis of grammar*, Berlin-New York, Mouton de Gruyter.
- LANGACKER, Ronald W. (1991) – *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. II, Descriptive Application*, Stanford, California, Stanford University Press.
- LANGACKER, Ronald W. (1993) – "Universals of construal", *Proceedings of the Nineteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp.447-463
- RUDZKA-OSTYN, Brygida (ed.) (1988) – *Topics in Cognitive Linguistics*, Amsterdam, John Benjamins.
- SILVA, Augusto S. (1994) – "Estruturas Causativas no Português: ordem das palavras e atribuição de caso em *fazer, mandar, deixar* + Inf. Perspectiva cognitiva", Comunicação apresentada ao X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade de Évora.

- TALMY, Leonard (1988) – "The relation of Grammar to Cognition", in Rudzka-Ostyn (ed.), pp. 165-205.
- TAYLOR, John (1989) – *Linguistic Categorization. Prototypes in linguistic theory*, Oxford, Clarendon Press.
- WIERZBICKA, Anna (1988) – *The Semantics of Grammar*, Amsterdam, John Benjamins.